

RESUMO

A violência e o abandono aos quais estava submetida à população sertaneja de Goiás, nas décadas de 20 e 30 do século passado, figuram no centro da narrativa de Bernardo Élis. Continuidor da tradição regionalista em Goiás, seguindo os passos de Hugo de Carvalho Ramos e acrescido de um certo ideário comunista, Élis se constitui como um escritor cujo ofício artístico passa, obrigatoriamente, por uma finalidade social. Sem abrir mão de suas convicções políticas, o autor aceita e incorpora as conquistas estéticas do primeiro instante modernista brasileiro, sendo o introdutor desse movimento no estado, estando filiado ao segundo momento regionalista – o da “consciência do subdesenvolvimento”, nos dizeres de Antonio Candido (2006). Se nos contos – gênero no qual Bernardo Élis é nacionalmente reconhecido – sua estética se liga à questão do *ciclo do gado* (SANTOS, 2004), em *O tronco* (1956) – romance de Bernardo Élis mais bem acabado esteticamente, hoje já na sua décima edição – mesmo tendo como ponto alto o assassinato que ficou conhecido como “A Batalha do Duro”, a narrativa transpõe não só o documento, ao recriá-lo como literatura, mas principalmente ao não se limitar à crônica dos acontecimentos, atingindo o que hoje definimos por romance histórico. Não tendo sua significação restrita ao engajamento do escritor e à razão de homens e mulheres serem submetidos às condições degradantes de sobrevivência, o romance vai além, e se presta a entender essas degradações através da estrutura da sociedade goiana daquele instante, de suas contradições, e, precipuamente, de suas transformações: é o *externo* tornando-se *interno* na obra (CANDIDO, 1976, p.04). Logo, *O tronco* ilustra literariamente a paulatina incorporação de Goiás ao cenário econômico nacional e internacional e, conseqüentemente, as profundas modificações da estrutura socioeconômica do estado.

Palavras-chave: Regionalismo brasileiro. Bernardo Élis. *O tronco*. Literatura e história. Espaço romanesco.